

CRI▲
TUR▲
CÔES

Vital



INTRODUÇÃO

Criaturas trata-se de reflexões escritas e ilustradas por Marlon Vital entre 2020 e 2022. A partir desse período o mundo é atravessado por uma crise pandêmica, e o Brasil por uma crise ética e social, as quais despertam no autor o desejo latente de se manifestar artisticamente, enquanto sujeito político e não pacífico.

Este livro é composto por poesias, cânticos, composições, escritos, desenhos e pinturas em aquarela imaginadas e baseadas nas vivências cotidianas do autor. Sejam nas observações passageiras ocorridas nos vagões dos trens, nas sonoridades agraciadas em suas caminhadas pelas ruas, no tato daquelas boas conversas de bares, no olfato das memórias recorrentes ou no paladar dos amores experimentados.

Marlon Vital é esse Caboclo Marginal que transita pelas periferias, buscando na cultura brasileira e junto ao seu povo as suas fontes de inspirações para poetizar, viver e caminhar nesta vida.

EPÍGRAFE

Ciranda para Exu

Eu vi passando pela esquina
Oferenda pro amigo leal
Orixá que nas encruzilhadas
Afasta de mim todo mal
Lembrei-me daquela cantiga
E logo me pus a cantar

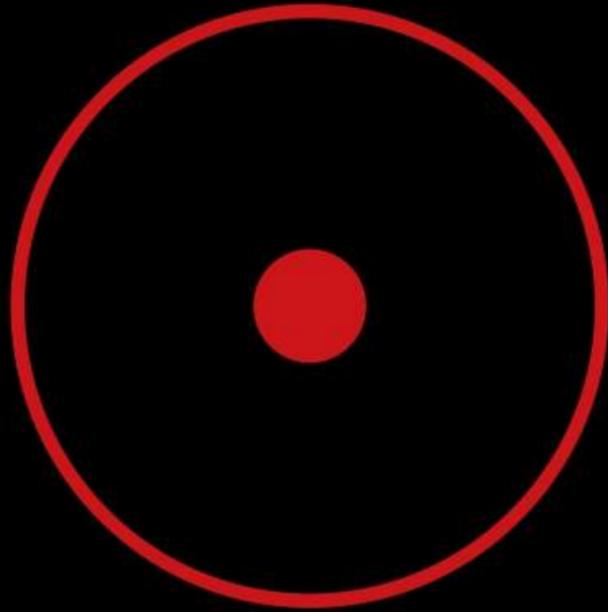
[...]

Exu
Meu amigo leal
Cuida do meu Terreiro
Cuida do meu quintal
Cuida do meu Terreiro
Cuida do meu quintal [...]

*Não há poesia mais linda que nossas cantigas ancestrais
Para dar início aos trabalhos evoco Èṣù
Senhor das travessias, Orixá da Criação
e residente na Comunicação
Eu lhe peço benção para que esse manifesto
seja uma encruzilhada artística.*

*Laroyê Exu
Exu é Mojubá*

SUMÁRIO

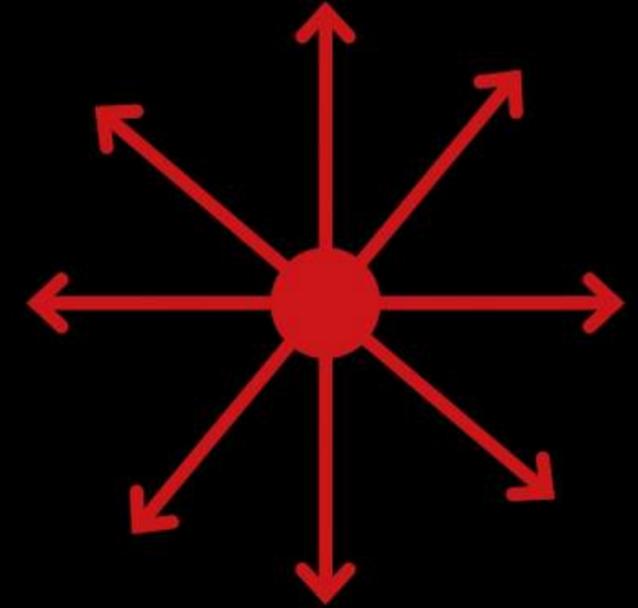


CAPÍTULO DAS MARGENS

Criaturações
Tudo nosso
AmarÉ
Rua dos Erês
Embran(es)quecimento
Aruanda
Estação Primeira
Paz, Amor e Liberdade
Exulogismo

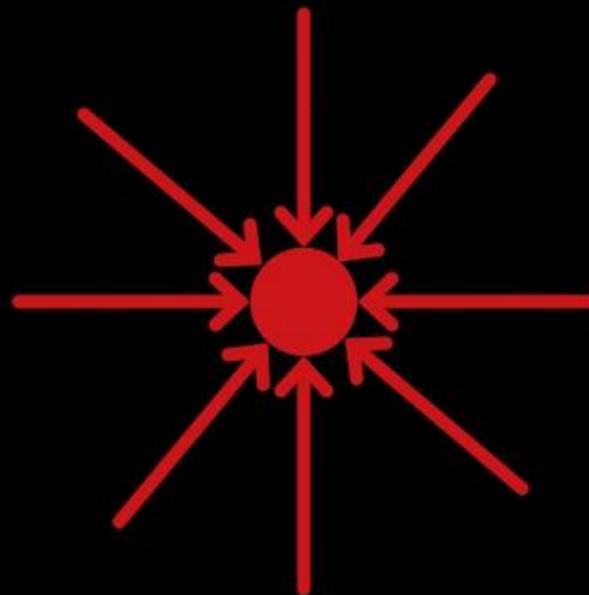
CAPÍTULO DO INTERIOR

Oração do dia
Elegria
Penas
Amor sagrado
Sambra pra ela
VetuPsuer



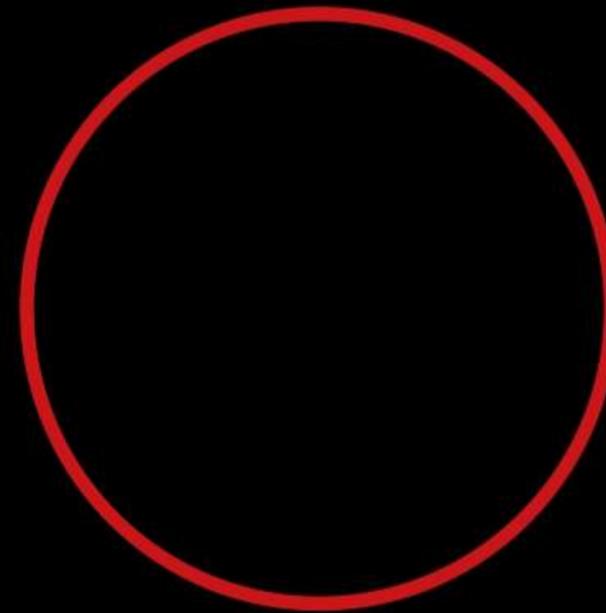
CAPÍTULO AO INTERIOR

Folclórico
Ser Tão
Malungos
Pescador
Vissungo Sonético
Curumim



CAPÍTULO DO MUNDO

Do Samba
Santo Dumont
Mundando
Afazeres
Travessia
Quem sou eu's
Atear





DAS MARGENS

CRIATURAZÕES

Os Crias
São belas criaturas
“Malcriadas”
De muitas criações
Quem atura?
As Cria-ativas
Donas das ruas
De muitos dialetos
E várias gírias
São corpos fechados
Cultuados na ginga
Eles são assim
Desenvolvem o rolézin

Dos bailes Funk
De bondes bolados
Molequexs Capoeiras
Que não marcam bobeira
E confrontam as tretas
Onde vários Criam
E as ideias brotam
Discorrem pelas gretas
Das muretas sociais
No curto espaço da Vila
Naquela escola da vida
Aos olhares atentos
Os Crias revelam
A pedagogia da Favela





Caboclo Carnavalesco (2022)

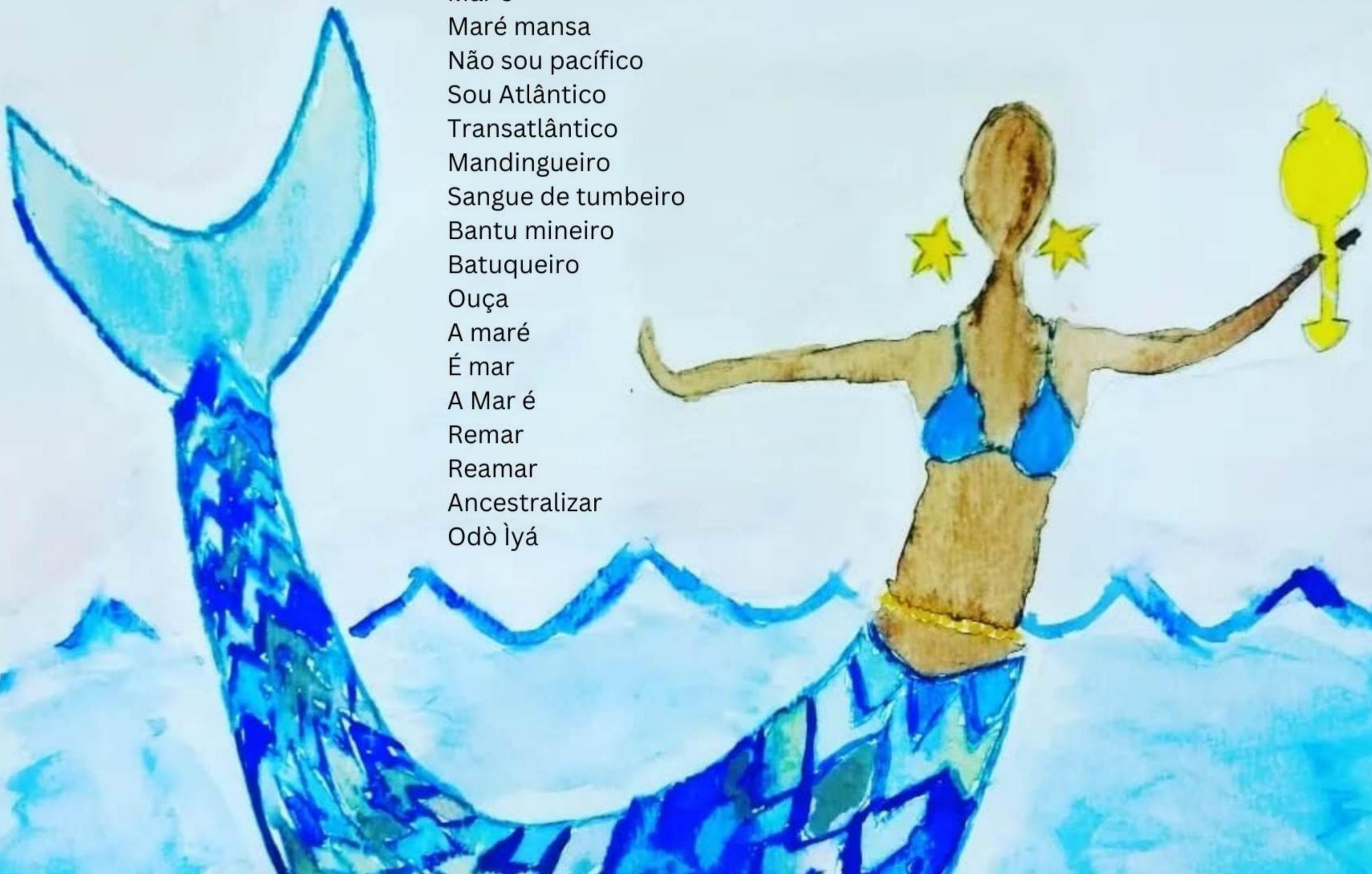
TUDO NOSSO

Oxiii

Seu moço, não me leve a mal
Mas hoje não podes desfilar nesse Carnaval
Das nossas agremiações você não participou
E ouvi falar que você nem mesmo se alegrou
Quando todo esse povo se organizou
E agora? Bem na hora da folia
Junto de nós quer festejar
Bater tambor e nos abraçar
Usar Cocar e gritar Saravá
Com licença,
pois agora chegou a nossa hora de desfilar
Abre alas para o nosso bloco
O famoso “É tudo nosso”
E nada deles

AmarÉ

Odò ìyá
É mar
Mar é
Maré mansa
Não sou pacífico
Sou Atlântico
Transatlântico
Mandingueiro
Sangue de tumbeiro
Bantu mineiro
Batuqueiro
Ouça
A maré
É mar
A Mar é
Remar
Reamar
Ancestralizar
Odò ìyá



RUA DOS ERÊS

A linha esticou
O cerol passou
Criançada gritou
Cuidado, seu moço
Vai ficar sem pescoço
Isso aqui vai virar alvoroço

A pipa subiu
Rabiscou o ar
Tomou a casa dos anjos
O céu e as nuvens brancas ela coloriu
Era como algodão-doce
Que o pipoqueiro nos trouxe
Foi um dia de sorte
A rua cheia de nenhum automóvel
A molecada enturmada
Era bola e lata de óleo
Porta-bandeira e queimada

Eu me lembrei de Chico
Não poderia me esquecer
Quem te viu e quem te vê
Hoje o meu Erê saiu
Lalalaiá
Procurando você



EMBRAN(ES)QUECIMENTO

Meu inimigo íntimo
Quanto desamor
Há quanto tempo
Vem você querer me tirar a cor
Essa melanina, que me veste
E desfazer meus traços, que me formam
Mudar meu linguajar, que reforçam
A minha natureza

Eu já saquei essa tua destreza
Quer propor o que é beleza
E procurar nos fazer esquecer
A nossa história
Quer apagar minhas memórias
Tentar me embranquecer
E apesar desse teu querer
E de Tantos mártires
Das Marielles aos Zumbis dos Palmares

Nesses Brasis de um Brasil
Que deu terra para branco estrangeiro
E institucionalizou o genocídio dos negros
Ainda assim, até os santos viram Pretos
Igual a Nossa Senhora Aparecida
E veja bem, em meio ao seu projeto de hipocrisia
O nosso povo negro é maioria
Inventamos nossa Filosofia
E preservamos nossa fé
Lá nos terreiros da vida
Onde cultivamos nosso Axé



Aruanda

**A rua anda
Vê se não desanda
Se não os povos das ruas
Não encantam
Lá pelas bandas
Dessas Kimbandas
Onde se cantam
E trabalham demandas
Que abrem as portas
Lá para Aluanda
E a lua dança
E a terra gira
Nesses ritos de alegrias
Que evocam os céus de Aruanda**

ESTAÇÃO PRIMEIRA

Na favela onde cresci
Dia a dia passa um trem
Igual na Estação Primeira
Carregando o sonho de alguém
Locomotiva Verde e Rosa
É Mangueira

Mangueira de Cartola e Jamelão
Mangueira
Mangueira do meu coração
De Nelsons e Leci Brandão
É Mangueira
Mangueira do meu coração

Mangueira
Mangueira dos batuques de Oyá
Igual a você não há
Em nenhum morro de qualquer lugar
Mangueira
Estação Primeira
É Mangueira

PAZ, AMOR E LIBERDADE

Ei, tio, preste atenção
Não precisamos de regalias
E nem as migalhas do seu pão
Não faremos papel de otário
Nem vamos apertar a sua mão
Só vim pegar um pedaço desse farto bolo
Porque do lado daí tá sobrando de montão

Ei, tia, pega a visão
Por que os pivetes são todos lisos
E não vão ficar para trás nessa missão
Sem caô e pilantragem
Nós também temos vaidades
Não desejamos a maldade
Nem esperamos a sua bondade
Não queremos igualdade
E muito mesmo fraternidade
Só queremos para o nosso povo
Paz, Amor e Liberdade
E pros seus
Vai saber
Justiça vocês vão ver lá com Deus



EXULOGISMO

Sou um menino da periferia
Caboclinho das margens
Suspeito de algumas vadiagens

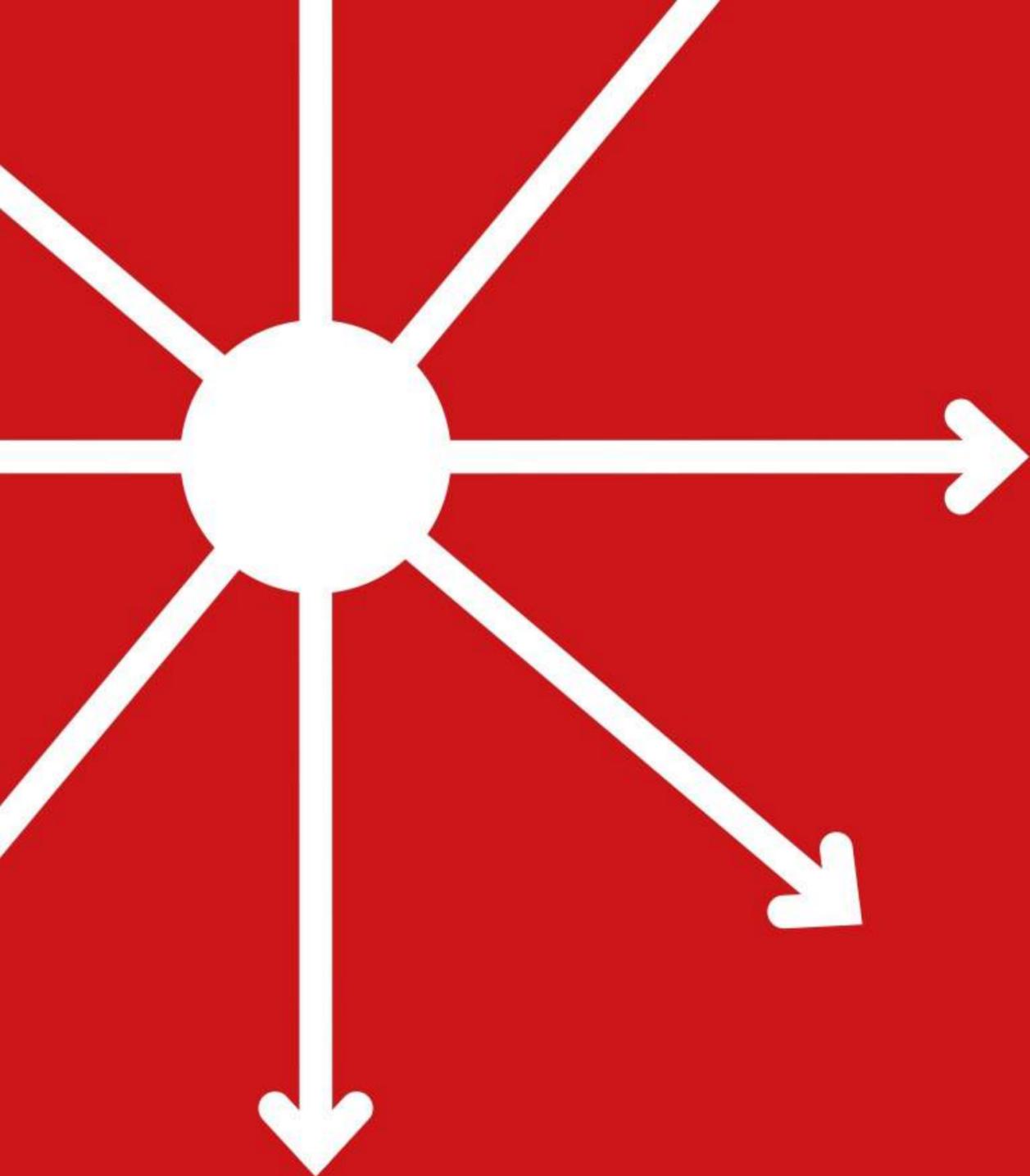
Nesses territórios plurais
Participo com fruição e coragem
Permitindo o imaginário voar

Para brincar de imagens e linguagens
Trocar dialetos e criar palavras
Oralituras e corpo-oralidades

Chamam por aí de neologismo
Prefiro Exulogismo
Magníficas invenções populares

Fonte de saberes
Onde mergulho e quem sabe tenha sorte
E seja um outro poeta
A cair na boca desse povo





DO INTERIOR

FOLCLÓRICO

Nasci virado
Na terra dos Curupiras
Admiro coisas sem pé e nem cabeça
Como Sacis e Mulas
Ando com gente que toca fogo por aí
Renomados Boitatás
Tomo as ruas nas noites de luar
Enfeito-me para bailar
Saio para cortejar junto ao Boi-Bumbá
E nos dias de sol
Eu me declaro
Honrado filho dessa terra

Mergulho nas águas claras
Vou de encontro com Iara
Banho-me em Aroeira
Peço bênção à Benzedeira
Rezo para a Santa Preta
Nossa Padroeira
Firmo o ponto
Vivo em encantos
Na mandinga e no terreiro
Eu sou poeta brasileiro



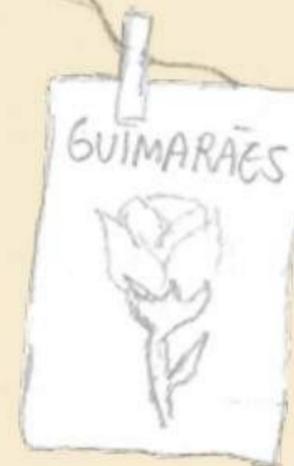
SER TÃO

Prazer, meu nome é João
Cabra da peste do Sertão
Terra desse povo genial
Das tantas Marias Bonitas
De Paulo Freire intelectual
E mestre Ariano Suassuna
Com todo movimento Armorial

Hoje sou nobre menestrel
E vou recitar belo Cordel
Aproximem, ouçam e vejam
Nossa Cultura sertaneja
É papel na corda amarrado
Narrando o imaginário
Das histórias do Cangaço

Nesse solo consagrado
Seja Caatinga ou Cerrado
Brotou esse povo arretado
Artistas como Gonzagão
O saudoso rei do Baião
São Franciscos e Cíceros
Valentes como nosso Lampião





Com meu povo homenageado
Sinto que dei o meu recado
Sou cordelista agalopado
Sertanejo emocionado
Por Nossa Senhora abençoado
E antes de me despedir
Eu digo "muito obrigado"

Logo cedo o galo canta
O boiadeiro se adianta
É no silêncio que se planta
Para o Brasil comer feliz
Vocês aí dessas cidades
Não se esqueçam de mim
Também sou filho desse país

A nossa maloca é quente
Igual ao sangue dessa gente
A seca leva esse povo a imigrar
Pois a chuva se faz pouco presente
E até sem água para refrescar
Sempre é bom de lembrar
Dia desses, isso aqui era vasto mar

Mesmo tendo dificuldades
A gente se assenta nesse chão
A cada colheita em São João
É novo ciclo em nossa vida
Ao som da sanfona sentida
Tem Forró, Xaxado e Baião
Fogueira, pipoca e balão

MALUNGOS

Indígena mata adentro
Pinta o corpo, naturalizando o sagrado
Olhando pro nada e revelando ao mundo
O árduo futuro, cultivando o passado

Negro toca o tambor
O Terreiro incandiu e a gira girou
Girou e girou com amor
Os corpos em transe
E os deuses que dancem
Dancem

A cabocla que encanta
No balanço da maré
Vai de encontro ao luar
Ensina a criançada a cantar
Tem cirandinha pra lá e pra cá
Tem cirandinha de cá pra lá

O povo de Luanda
Saudou Nzinga e saudou Aruanda
Em terra brasileira
Vai ter Quilombo pra jogar Capoeira

O colonizador
Tentou embranquecer nossa conduta
Mas o Malungo carrega a sua dor
E não se esquece da sua luta
Ancestral guerra
Lá dos cativeiros
Existimos nesse solo sagrado
Somos Afroameríndios brasileiros



PESCADOR

ÔhhhhÔhhÔhhhhÔhh
Rema o barco, pescador
Desce o rio com louvor
Traz pra nós esse sabor

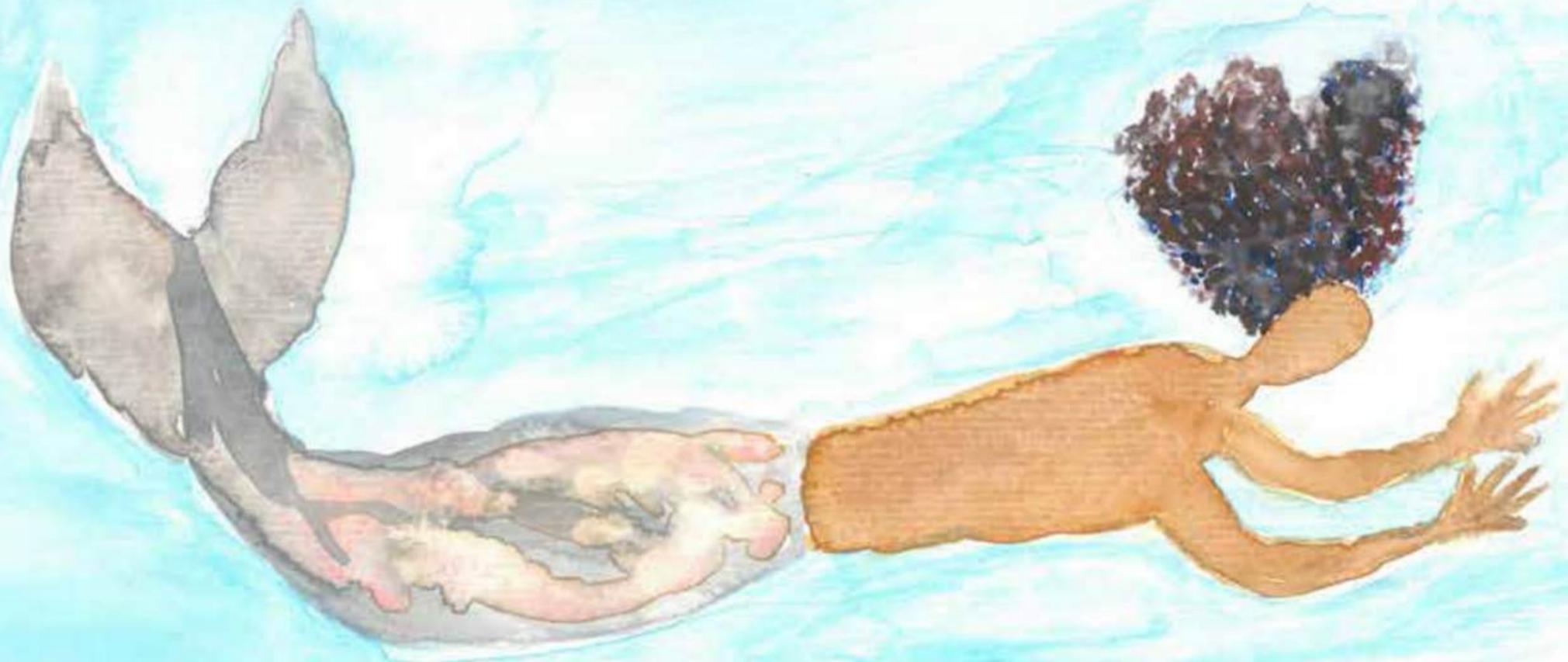
ÔhhhhÔhhÔhhhhÔhh
Joga essa rede, pescador
Vai ter peixe, sim, senhor
Foi a Santa que falou

ÔhhhhÔhhÔhhhhÔhh
Fique atento, pescador
São Francisco transbordou
As grandes margens ele tomou

ÔhhhhÔhhÔhhhhÔhh
Olha essas águas cristalinas, pescador
Tem ouro no remanso que brilhou
É Oxum quem lhe presenteou

ÔhhhhÔhhÔhhhhÔhh
Apruma a vela, pescador
O rio deságua no mar
Lá na casa de Odojá
A Sereia Iemanjá

ÔhhhhÔhhÔhhhhÔhh
Toma cuidado, pescador
Com as doces águas do amor
É lá que a Iara lhe encantou



Vissungo Sonético

Hoje não tem aiuê
Nem arengá
Ucumbi oenda
Aiô cangira



Com licença ouê
Os tempos são outros
Muriquinho num que lambá
Nem quissamba na cacunda

É tempo de arapóssi
Dia de curima
Na mgongo do orongoia



Ora iê iê ô
E angira de Jamba
Na onjo de Oxalá

CURUMIM

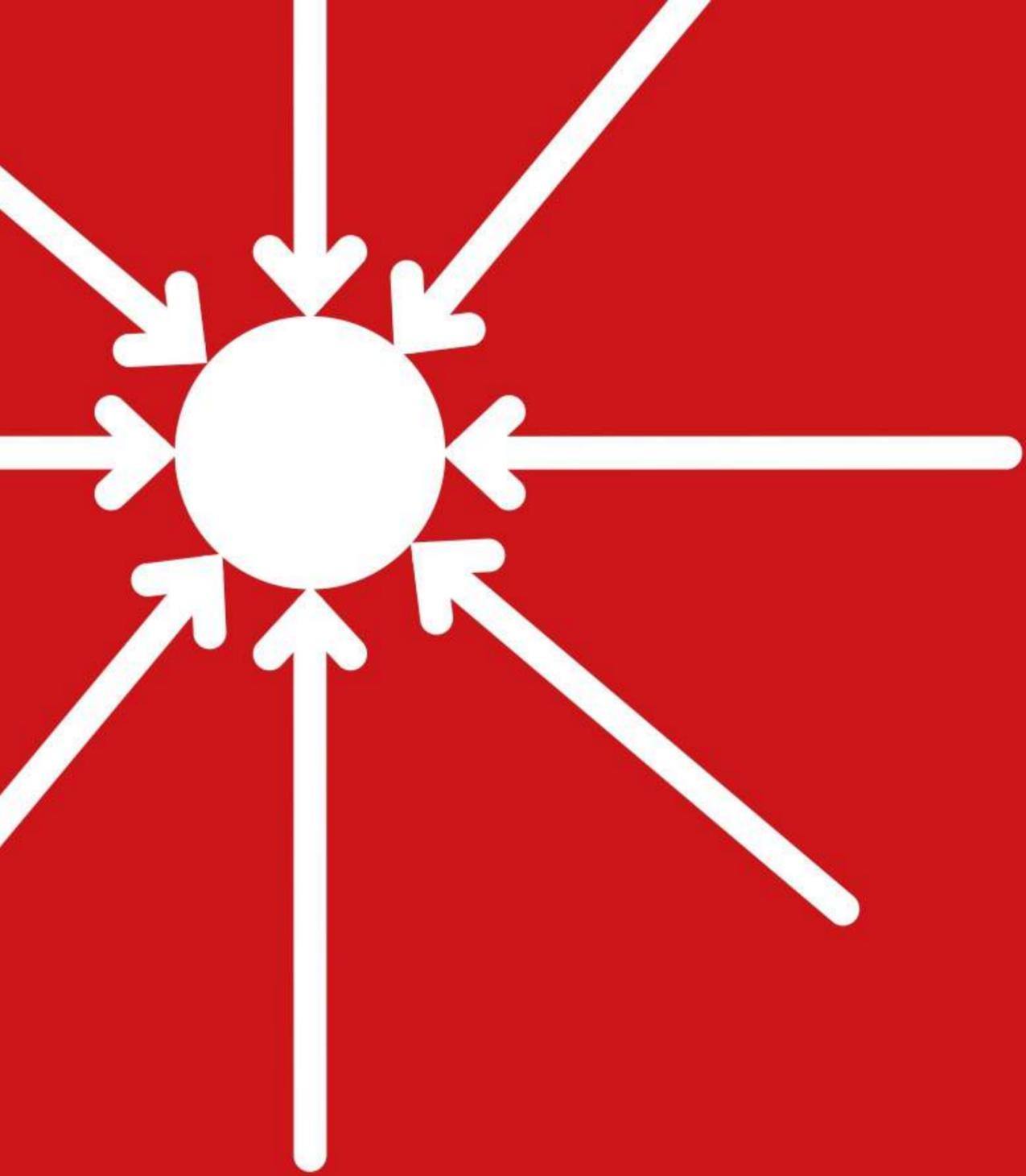
Eu vim do barro
Cheiro a terra molhada
Descoberto no mato
Passeando no mistério da madrugada
Com meus olhos amarronzados

Pela manhã observo o despertar do mundo
E respiro o meu amor profundo
Tenho comigo a força das correntezas
Vou transbordando com leveza
E irradiando a beleza

Canto para proteger a alma
Danço para abrir o caminho
Se houver escuro eu ilumino
Porque o meu corpo é solar
E nos meus pensamentos
repousam o mais belo luar

Sou preservado
Cultivo o sagrado
Exalto a obviedade
Daquilo que se faz necessário
Eu sou assim
Simplesmente Curumim





AO INTERIOR

ORAÇÃO DO DIA

Meu pai
Permita que o povo seja meu guia
E que junto deles
Eu transmita alegria

Que eu seja aventureiro
Criatura do mundo
Transgredindo pelas ruas
Como um nobre vagabundo

Que eu cresça e mude
Como as mudas
Quero errar e acertar
Experimentar
O sagrado e o profano
Tudo isso sem me preocupar

Deixe me esquecer da morte
E desejar viver
Viver como nunca
Amando as coisas belas
E sendo amado também
Amém

Meu pai
Permita que o povo seja meu guia
E que junto deles
Eu transpire poesia





PENAS



Tenho encontrado penas por aí
 Acho que vou de-colar
 Observo as levezas do dia
 O canto das flores
 O brilho das cores

Oportuno momento
 Aquilo antes imperceptível
 Agora expoente
 Fascinante aos olhos nus
 Da poesia cotidiana

Todos os dias florescem penas por aí
 Todos os dias voam poemas por aí



AMOR SAGRADO

Foi no olhar das crianças
 Que me revelei para o teu amor
 E lá no seu delicioso ventre
 Onde me lambuzei em louvor
 Nesse teu gostoso cheiro
 Onde renasce o meu tesão
 Nas tuas fartas curvas
 São gratas as minhas mãos
 No caminho das suas pernas
 Tantos locais de diversão
 Em meio aos emaranhados dos teus cabelos
 Onde me perco sem receio
 Nos teus saborosos e firmes seios
 Tão felizes os meus lábios
 Eu serei sempre muito grato
 Por termos comungado esse amor
 Profano e sagrado
 Afetuoso e animal
 Porque no teu gemido eu fui Carnaval
 E no teu gozar eu me tornei Vital



SAMBA PRA ELA

A comunidade já está sabendo
Vai vendo
Quem manda lá no barraco é ela
Eu sou Mangueira e ela lá de Portela
Nossa paixão foi assim
No botequim
Lá na quebrada
De madrugada
Ela cantou Racionais pra mim
A Vida Loka
É linda moça
Não marquei toca
Beijei a boca
E se hoje me declaro poeta
É graças a ela
Sou grato por ela
Esse samba é pra ela
Esse samba é pra ela

E se hoje me declaro poeta
É graças a ela
Sou grato por ela
Esse samba é pra ela
Esse samba é pra ela



VETUSPUER

Admiro velhos e crianças
São espelhos de esperança
Espelham e espalham Vida
Vida vivida e a ser vivida

Na maioria dos casos
Todo velho é sábio
Todo velho é desapegado
Todo velho é sagrado

Em qualquer caso
Toda criança deve ser amada
Porque toda criança é sábia
Porque toda criança é desapegada
Porque toda criança é sagrada

Por que enxergo nas crianças a sabedoria dos velhos?
Por que observo nos velhos a alegria das crianças?
Por que toda criança e todo velho é um porquê?

Não sei ao certo
Sei que crianças e velhos gostam de tortas
E que crianças brincam em linhas tortas
Enquanto velhos escrevem em linhas tortas
Para eles nada além da genuína alegria importa

Dia desses tive sorte
Exaltei uma bela lembrança
Naquela rua havia um velho e uma criança
Estavam brincando e entretendo a morte

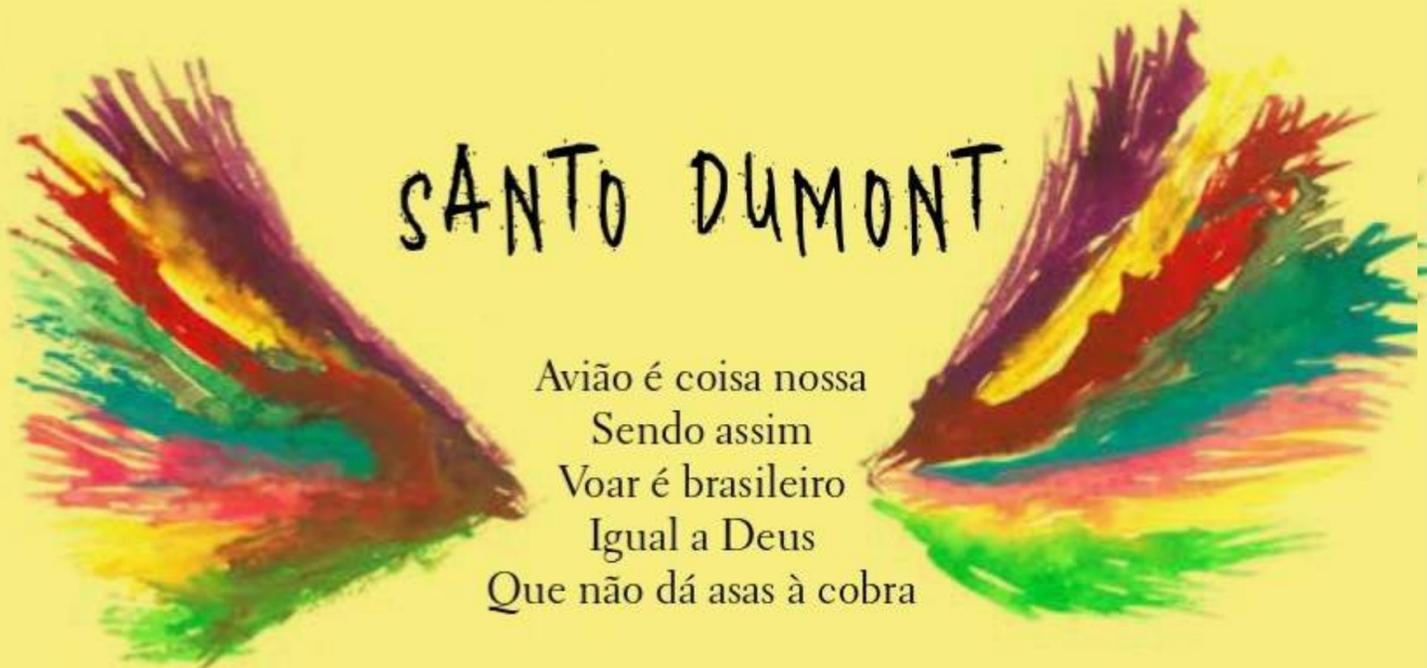


DO MUNDO

DO SAMBA

A benção de cada madrinha
A sua benção, tia Ciata
E para falar de Samba
Peço benção para toda velha guarda
E a todos que se foram nas pequenas Áfricas
Reverencio cada bamba e partideiro
Trabalhadores e malandrags
E aos domingos batuqueiros
Igual ao mestre Cartola
Um dos maiores poetas brasileiros
E por falar em poeta
Peço desculpas ao camarada Vinicius por essa heresia
Mas o Samba nunca foi branco
Nem na cadência e muito menos em poesia
E se aqui pelo Rio o Samba se fez ciência e filosofia
Ele também se fez lá pelas bandas da Bahia
Mas antes disso veio na palma da mão
Com o povo preto e suas harmonias
A benção
A benção a nossa herança
A benção ao Samba





SANTO DUMONT

Avião é coisa nossa
Sendo assim
Voar é brasileiro
Igual a Deus
Que não dá asas à cobra

MUNDANDO

O mundo é Água
Para toda essa gente se banhar no mar
E poder de cabeça mergulhar
E não se esquecer de amar

O mundo é Ar
Deixa o povo circular
E até mesmo se dispersar
E não se esquecer de voar

O mundo é Terra
Onde brotam mudas e mundanas
Belas pessoas e boas plantas
Querendo fertilizar nossas façanhas

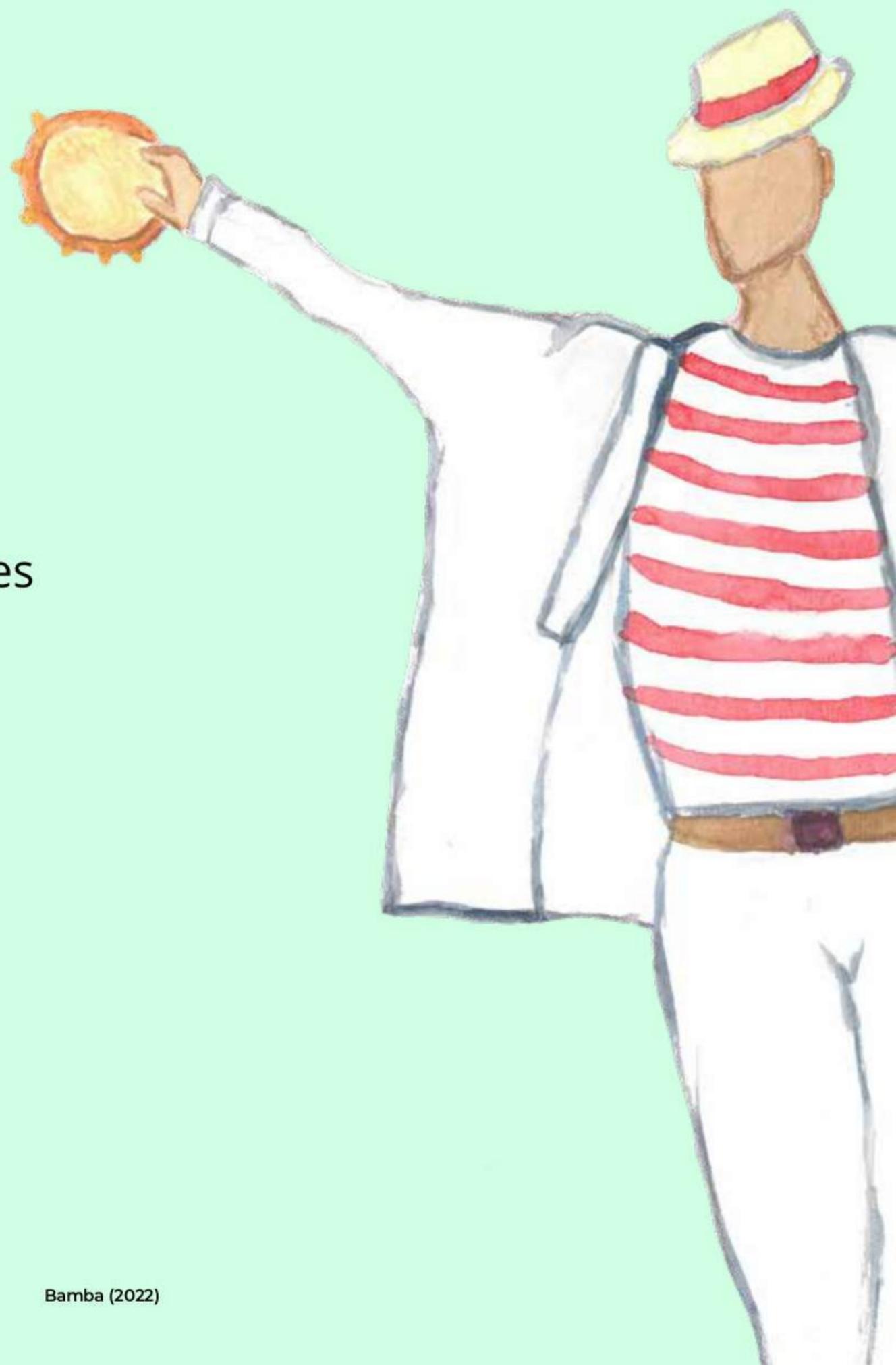
O mundo é Fogo
Há de queimar
Com ele não se brinca
Ele dá voltas em si mesmo

O mundo não é mundo
Desde que o mundo é mundo
Todo o dia ele é inventando
És vaidoso
Gosta de ser admirado

Ele é meu e seu e deles
É de todos
Às vezes
Às vezes ele até quer se acabar
Mas ele gosta mesmo é de mudar

Afazeres

Bom dia pra quem é de bom dia
Boa noite pra quem é de boa noite
Não se perturbe com minha alegria
E nem se preocupe com os meus afazeres
De madrugada eu sou amor e poesia
Pelo dia eu vivo em Samba
E de noite eu ando pintando
Como o bamba Heitor dos Prazeres



Travessia

Eu sou poeta travesso
E minha existência é felicidade
Pois vou saudando encruzilhadas
Ao inventar amores e lugares

Eu sou poeta travesso
Que cria versos circulares
Porque nas giras da vida
Troco palavras populares

Eu sou poeta travesso
E minha presença lhe seduz
Porque meu corpo é festa
E minha alma reflete luz

Eu sou poeta travesso
A minha travessia é desejo
Porque tenho fome de mundo
Quem sabe assim eu não me perco



QUEM SOU EU'S

Ei, você aí
Da casa pro trabalho
No ar condicionado do seu carro
No conforto do seu quarto
Que vives trancado
Com medo do pecado
Pobre diabo

Não sabes de onde eu's vim
Para onde voo
Diga-me quem eu's sou
Não me enxergas no clarão
Quem dirá no breu
Quem sou eu's?

Sou dono das ruas
Moro na encruzilhada
Ando em linhas tortas
Vivo em meio às trocas
Venho do nada
E vou para o além
Amém

Não me teimas
Nem me temas
E não me queimas
Pois o fogo em chamas
Me chamas
Eu's vou

Ei, você aí
que vives trancado
Tu sabes quem eu's sou?

ATEAR

Não tenho Ori para me preocupar
tenho mente para desejar
corpo para festejar
tempo de ir e voltar
por isso eu vou caminhar
sem medo de amar...



Notas:

No poema Vissungo Sonético, diversos termos e ilustrações utilizados fazem parte da pesquisa do autor sobre as culturas africanas e afrodiáspóricas.

Os termos são originados no troco linguístico dos povos Bantu e foram pronunciados aqui no Brasil em cânticos conhecidos como Vissungos.

As imagens que ilustram as estrofes desse poema são Adinkras, nomeados como Sankofa, Fawohodie, Mmere Dane e Nyame Nti.

Os Adinkras são uma das linguagens de comunicação visual africana, representada por símbolos que traduzem pensamentos e provérbios populares africanos. Esses símbolos são procedentes dos povos Acã da África Ocidental, notadamente os Ashanti de Gana, além de outras regiões como Burkina Faso e Togo.





Marlon Vital

Nascido em 1990, natural de Contagem em Minas Gerais.

Artista, pesquisador e empreendedor cultural.

Produz escritos, poesias, pinturas, corpo-oralidades e outras manifestações que refletem suas experiências de vida.

Criaturas são reflexões poéticas elaboradas no imaginário de Marlon Vital. Esses escritos e ilustrações navegam pela história do autor, balançam do seu íntimo ao ser coletivo, banham-se nas suas observações das margens ao interior da cultura popular brasileira.

Essas experiências atravessam o cotidiano das ruas, os dilemas do amor, a força da ancestralidade e crenças populares, as malandragens dos Sambas, a alegria dos bailes e festejos Afrodiaspóricos e tantos outros acontecimentos presentes na vida de um negro periférico brasileiro.

ISBN 978-65-01-12161-1